

AQUI TREM

O UNIVERSO DO COMÉRCIO AMBULANTE
DOS TRENS DO RIO DE JANEIRO

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro
CTC Centro de Tecnologia e Ciências
ESDI Escola Superior de Desenho Industrial

AQUI TREM

O UNIVERSO DO COMÉRCIO AMBULANTE
DOS TRENS DO RIO DE JANEIRO

por Marcele Azevedo
orientação de Zoy Anastassakis
Rio de Janeiro, novembro de 2015

RESUMO

Aqui Trem é um zine que reúne fragmentos de histórias sobre o comércio ambulante dentro dos trens, desenvolvido como projeto de conclusão de graduação na Escola Superior de Desenho Industrial por Marcele Azevedo, sob orientação da professora Zoy Anastassakis. O zine apresenta pequenas narrativas de passageiros e vendedores ambulantes que se relacionam, de alguma forma, com a prática dos camelôs nos trens do Rio de Janeiro. Esta compilação de conversas busca registrar, por meio de relatos e imagens, parte deste universo.

PALAVRAS-CHAVE

vendedores ambulantes; trabalho informal; transporte; trem; Rio de Janeiro; zine.

Aqui trem is a zine that brings together fragments of stories about the itinerant trade within the trains, developed as a graduation project at ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial - by Marcele Azevedo, under the guidance of Zoy Anastassakis. The zine presents little narratives of passengers and itinerant sellers that relate in some way to the practice of peddlers on the trains of Rio de Janeiro. This compilation of conversations intends to register part of this universe through reports and images.

KEYWORDS

itinerant sellers; informal work; transport; train; Rio de Janeiro; zine.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família: meu pai, minha mãe, minhas irmãs e minha madrinha, por tudo que fizeram para que eu pudesse iniciar, continuar e concluir a faculdade. Sou imensamente sortuda por tê-los em minha vida.

À minha orientadora, Zoy, pela paciência, atenção e competência ao longo deste ano. Obrigada por ter acreditado do meu trabalho.

À Barbara, por todas as suas essenciais contribuições durante a pesquisa e desenvolvimento deste projeto.

Ao Heitor, por não me deixar desistir no meio do caminho e por tornar esses dias infinitamente mais leves.

Aos companheiros de turma, por dividirem comigo as alegrias e aflições ao longo dessa jornada na Esdi.

À Letícia e à Mariana que, mesmo com seus próprios projetos para resolver, se dedicaram a me ouvir sempre que precisei.

Agradeço a todos os entrevistados, passageiros e ambulantes, que dispuseram um pouco do seu tempo para conversar comigo.

E, finalmente, agradeço a todos os camelôs que foram minha inspiração para realizar este projeto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O TEMA	13
1.1. Levantamento de dados	13
1.2. Contextualização	17
1.3. Setor Informal	18
1.4. A SuperVia e os camelôs	19
1.5. A criminalização do vendedor ambulante	21
1.6. As representações do camelô	21
1.7. Quem é o camelô dos trens do Rio de Janeiro?	23
O PROJETO	25
2.1. Definições projetuais	25
2.2. Desenvolvimento	26
2.3. Resultado	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Fevereiro de 2015, mais ou menos uma hora da tarde, entro em um vagão de trem na estação de Comendador Soares com destino a Central do Brasil. Nesse horário, ele não está tão cheio e é um dos melhores momentos para quem quer comprar: de doces a utensílios de cozinha, o desfile de mercadorias acontece durante toda a viagem. Era a primeira vez que eu estava andando de trem depois de passar um ano estudando em Londres. Tanto tempo afastada desse cenário, que sempre fez parte do meu cotidiano no Brasil, me fez perceber com mais clareza as peculiaridades das relações entre os atores nele inseridos.

A prática dos vendedores ambulantes nos trens da Central do Brasil resiste há anos e acompanhou as mudanças de administração das ferrovias, sendo em determinados momentos mais tolerada e em outros, mais reprimida. “Fora de controle: 10 mil vendedores irregulares atuam diariamente nos trens”. Essa foi uma manchete publicada pelo O DIA online, no dia 25/08/2014. O tom usado nesta matéria para retratar os camelôs não é uma exceção nas representações desta categoria. Embora seja notório que nos últimos anos o conflito direto entre os agentes da Supervia e os camelôs tenha diminuído, o trabalho do ambulante ainda é uma atividade não autorizada e, portanto, é uma prática constantemente deslegitimada perante a sociedade.

No website da Supervia, encontramos uma lista com as normas de comportamento para o uso dos trens, uma delas diz respeito diretamente a prática dos camelôs “não é permitida a negociação ou comercialização de produtos e serviços não autorizados”. Durante minha pesquisa de campo, conversei com alguns vendedores ambulantes, dentre eles, um rapaz de 28 anos chamado Wagner. Ele relatou que a parte mais difícil de trabalhar dentro do trem era lidar com “a arrogância dos caras da SuperVia. Eles acham que nós, camelôs, somos ratos. Mas eu só venho aqui pra sustentar minha família”. De acordo com a legislação ferroviária* atual, não se pode negar o direito que a Concessionária tem de tentar impedir o comércio de produtos e serviços não autorizados dentro do trem. Porém, isso é diferente de criminalizar o trabalho informal.

A atividade dos vendedores ambulantes nos trens é, sem dúvida, algo que não passa sem ser notado. Não se pode dizer o mesmo, no entanto, do camelô em si, da pessoa que exerce essa atividade. Como ocorre com trabalhadores de outras categorias que se misturam à paisagem urbana, a presença do camelô no trem é considerada natural pelo público, deixando de ser percebida para além da sua função. Apesar do aspecto negativo que pode ser inferido por essa “invisibilidade”, estar posicionado dessa maneira confere ao camelô certo privilégio na compreensão do espaço.

Como suas vendas dependem da sua capacidade de conhecer e entender o público, o ambulante se torna um constante observador. Ele percebe a cidade através de

um ponto de vista móvel que, portanto, deixa de ser um ponto e se torna uma trama de linhas. Nessa rede, ele está em constante contato com as pessoas, dividindo com elas o espaço e experimentando as diferenças de comportamento de acordo com o ramal, o horário e o dia da semana em que está.

Além do saber sobre a cidade que é adquirido pelo camelô durante sua prática, os vendedores desenvolvem uma série de habilidades que dizem respeito ao exercício do seu trabalho. O ofício do camelô não se aprende formalmente, é um saber que se adquire através da experiência e da observação. Questionei um dos vendedores ambulantes durante minha pesquisa de campo sobre como ele faria pra ensinar a alguém sua profissão, ele me disse: “Camelô é igual a jogador de futebol: é talento. O cara pode até vir trabalhar porque tá precisando de grana, mas ele só consegue ficar se tiver talento”.

Apesar de dar conta de uma demanda real dos usuários dos trens e de exercer uma atividade de grande importância econômica, o camelô é posto em constante conflito com outros setores da sociedade. Sendo assim, acredito que a pesquisa e o registro de histórias sobre os trabalhadores informais nos trens do Rio de Janeiro possa funcionar como uma ferramenta que auxilie a legitimar essa atividade e que possa enriquecer o debate sobre o trabalho informal. Indo além disso, considero que esse fenômeno faz parte da nossa cultura e, como tal, é uma fonte de informações que podem nos ajudar a compreender nossa sociedade.

Nesse sentido, o presente projeto se propõe a registrar fragmentos de histórias sobre o universo do comércio ambulante, com o objetivo de desvelar aspectos pouco vistos pelas pessoas sobre a prática dos camelôs.

1. O TEMA

1.1. LEVANTAMENTO DE DADOS

A conceituação do projeto teve como base investigação bibliográfica e pesquisa de campo no âmbito dos principais aspectos relacionados ao universo do comércio ambulante dos trens: o setor de trabalho informal, a relação da concessionária dos trens com a prática dos camelôs e as representações deste grupo na mídia e no imaginário da população.

No livro *Esculhamba, mas não esculacha - uma etnografia dos usos urbanos dos trens da Central do Brasil*, de Lenin Pires, é apresentada uma análise das relações entre os indivíduos, os espaços e as instituições contruídas nos trens do Rio de Janeiro, com foco no trabalho dos vendedores ambulantes. Sua leitura foi essencial para o desenvolvimento deste projeto, pois ele decupa, sob uma perspectiva antropológica, meu objeto de pesquisa: as relações sociais que tem o trem como cenário.

O *Atlas Ambulante*, organizado por Renata Marques e Wellington Cançado, traça uma cartografia da cidade de Belo Horizonte a partir do trabalho de cinco vendedores ambulantes e suas histórias. Esse livro foi lido no início da pesquisa desenvolvida no primeiro semestre e ele me apresentou novas perspectivas sobre como traduzir e organizar o conteúdo que estava sendo reunido. As informações apresentadas no livro sobre os cinco vendedores ambulantes serviram de base para o roteiro das minhas entrevistas na pesquisa de campo.

Em *A cidade vista - mercadorias e cultura urbana*, Beatriz Sarlo mostra seu olhar sobre a cidade de Buenos Aires e suas transformações. A autora faz análises da dinâmica da cidade, que em muitos aspectos se assemelha com o Rio de Janeiro, e fala da relação dos espaços ocupados por ambulantes com os meios de transporte que levam a classe trabalhadora periférica até o centro.

O livro *A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal*, organizado por Vera Teles, consiste em mostrar as alterações e transformações ocorridas na cidade de São Paulo em relação a décadas passadas. Um dos aspectos analisados dá conta do papel do consumo como agente dessas transformações, revelando a expansão de um mercado informal de bens de consumo e serviços voltados para as camadas populares, implicando principalmente o surgimento de novas oportunidades de trabalho, redefinidas a partir do conhecido setor informal, categoria na qual se enquadra os vendedores ambulantes.

Esses livros foram as principais referências sobre o tema de pesquisa, entretanto, outros textos que foram utilizados, eles estão indicados nas *referências* ao fim deste relatório.

Complementando as informações obtidas com a pesquisa de fonte secundária, percebi a necessidade de realizar uma pesquisa de campo. Como mencionado anteriormente, de 2010 a 2013, utilizei os trens do ramal Japeri diariamente e, durante todo esse tempo, acumulei conhecimentos sobre esse ambiente e sobre o trabalho dos ambulantes. Essa bagagem, inevitavelmente, está presente em minha pesquisa na forma dos filtros que constroem minhas análises e interpretações.

Entretanto, a partir do momento que decidi usar os trens da Central do Brasil como tema para meu projeto final, decidi assumir uma nova postura diante das coisas que presenciava enquanto passageira no trem.



“A observação etnográfica sustenta-se sobre o encadeamento destas três técnicas fortemente entrelaçadas: perceber, memorizar e anotar. Supõe um vai e vem permanente entre suas percepções, sua explicitação mental, sua memorização e o caderno (seu diário de campo) no qual faz suas anotações. É uma vigilância aguçada por informações exteriores e questões que evoluem à medida que seu trabalho avança. É uma ferramenta de descoberta e de verificação. Sem armas, a observação é vazia. Muito armada não aprende nada.” (BEAUD, 2007)

O *Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos* foi utilizado como base para a estruturação da pesquisa de campo que eu realizei. Passei a fazer registro dos fatos que me chamavam a atenção e a tentar descobrir padrões diante deste cenário aparentemente desorganizado. Porém, apenas a observação passiva não abrangeria a complexidade existente nesse cenário. Por conta disso, defini estratégias para fazer contato com os atores envolvidos.

Na fase de pesquisa, falei com aproximadamente 40 pessoas, sendo elas vendedores, passageiros e agentes da SuperVia. Esta abordagem, que aconteceu entre os meses de abril e junho de 2015, foi feita por meio de uma entrevista semi-estruturada. Para me guiar durante as conversas, elaborei um roteiro com perguntas iniciais.

GERAL

- 1.Nome
- 2.Idade
- 3.Onde mora
- 4.Se tem filhos

AMBULANTES

1. Há quanto tempo trabalha como ambulante?
2. O que vende?
3. Como passou a trabalhar no trem?
4. O que fazia antes²
5. Qual dica você daria para alguém que vai começar a vender no trem se dar bem?
6. Você trabalha quantas horas por dia e quantos dias por semana?
7. Como é a relação com os outros vendedores?
8. Como escolhe a mercadoria que vai vender e o preço?
9. Como produz o suporte pra venda?
10. E a propaganda, como definiu as estratégias pra cativar o passageiro?
11. Qual a parte mais difícil de trabalhar aqui?
12. Qual foi a coisa mais interessante que você já viu durante esse tempo no trem?
13. Como você se vê em 10 anos?

PASSAGEIROS

1. Com que frequência anda de trem?
2. Qual foi a última coisa que comprou no trem?
3. Quando pensa em vendedores ambulantes, que imagens te vem à cabeça?
4. Qual sua opinião sobre o trabalho dos camelôs?

AGENTES DA SUPERVIA

1. Quais são as instruções da empresa no caso encontrar um camelô?
2. Qual é a sua opinião pessoal sobre o trabalho dos camelôs?





Nem sempre discuti todos esses pontos com eles, e às vezes outros assuntos surgiam. Parte das entrevistas foram gravadas e algumas anotadas. Fiz registros fotográficos com o celular.

Os agentes da Supervia foram os mais difíceis de abordar, a maioria se negava a falar sobre o assunto. Para tentar obter um posicionamento direto da SuperVia entrei em contato com eles para marcar uma entrevista, não obtive resposta.

1.3. SETOR INFORMAL

Podemos definir o trabalho informal como a prática de atividades sem firma registrada, sem emissão de notas fiscais e que, portanto, não paga impostos ao governo. Entretanto, é um setor extremamente diversificado, o que dificulta uma descrição mais precisa. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o setor informal tem por característica produzir em pequena escala, com baixo nível de organização e pouca dicotomia entre trabalho e capital (MARQUEZ E CANÇADO, 2011, p. 20). Nos últimos anos, o Brasil enfrentou uma redução na criação de postos de trabalhos formais. Durante os anos 90, pela primeira vez desde a década de 30, essa queda chegou ao ponto de o país conhecer um processo de “desassalariamento” da sua força de trabalho (POCHMANN, 1999 apud OLIVEIRA, 2008, p. 56). Como consequência disso, o número de trabalhadores sem vínculo formal de trabalho cresceu.

“A explosão dos ambulantes, como em muitas cidades, acompanhou a queda de emprego e o ingresso de centena de milhares de indivíduos na faixa da pobreza. [...] As cidades ricas não tem ambulantes, a não ser em suas fronteiras marginais, de migrantes, excluídos, ao passo que as cidades pobres os tem por toda parte, também por razões ligadas a circulação: os ambulantes se acumulam nos núcleos ferroviário e viário, justamente onde chegam os pobres para trabalhar na cidade.” (SARLO, 2014, p. 48)

A citação acima foi extraída do livro Beatriz Sarlo, que trata da cidade de Buenos Aires. No entanto, é fácil perceber as similaridades com o Rio de Janeiro atual, onde o mercado formal não consegue absorver todos os trabalhadores e as pessoas criam formas alternativas de geração de renda.

Dentro deste grupo que busca alternativas fora do trabalho formal, encontram-se os vendedores ambulantes dos trens. Como podemos notar na fala de Sarlo (2014), meio de transporte ocupado por camelôs não é um fato exclusivo do Rio de Janeiro ou do Brasil. Considerando-se os aspectos sociais e econômicos das cidade, é possível concluir que os ambientes de circulação concentram características que favorecem o estabelecimento de transações comerciais.

1.4. A SUPERVIA E OS CAMELÔS

O serviço de trens urbanos é operado desde 1998 pela Supervia com oito ramais que passam por 102 estações. Os trens atravessam o Rio de Janeiro e mais onze municípios da Região Metropolitana (Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Nilópolis, Mesquita, Queimados, São João de Meriti, Belford Roxo, Japeri, Magé, Paracambi e Guapimirim). Desde a fundação da Central do Brasil, em 1858, a circulação de mascates vendendo suas mercadorias para os transeuntes é conhecida da cidade do Rio de Janeiro. A comercialização de produtos e serviços dentro dos trens nunca foi permitida, nem quando eles eram administrados pela União e nem quando eram administrados pelo governo do estado. Com a privatização, em 1998, isso não mudou.

“Conjuntamente à implementação do projeto de “modernização” das instalações ferroviárias estava a proposta de “endurecimento punitivo” contra as “classes perigosas”. A intolerância aos “vendedores ambulantes” e aos “surfistas de trens”, mote das novas campanhas educativas, ocultava os tentáculos do projeto (in)criminador da pobreza que viria a ser implementado.” (MORAES CASTRO E SILVA, 2008, p. 149)

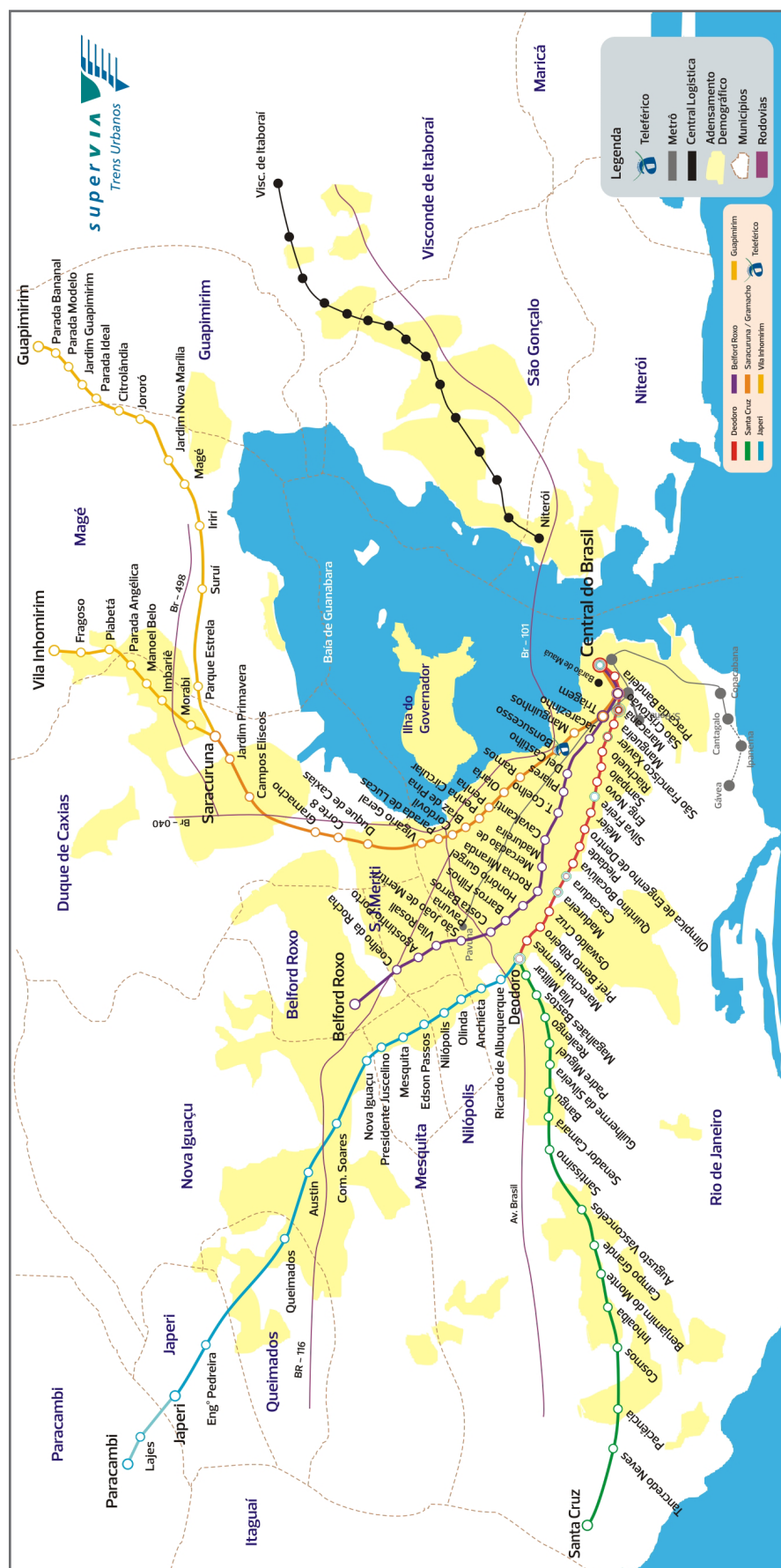
Entretanto, isso não significa que os camelôs preferissem trabalhar nos trens no período anterior ao da privatização. Durante a minha pesquisa de campo, perguntei a alguns ambulantes quais eram as diferenças entre as administrações na relação com os camelôs. Segundo eles, atualmente tem sido mais cômodo trabalhar no trem, embora ainda sofram repressão.

A SuperVia tem três categorias de vigilantes, cada grupo se destina a um aspecto específico da segurança dos trens. Os principais reponsáveis pelas rondas dentro das composições são os GPS - Guarda Patrimonial e Segurança (PIRES, 2011, p. 113). É interessante observar que tanto os guardas, que representam a Supervia, quanto os camelôs, que exercem uma atividade não autorizada, tem rendas semelhantes.

De acordo com a etnografia de Lenin Pires (2011, p. 131), existe entre os guardas e os camelôs um acordo tácito, para a melhor convivência de todos. Desse modo, a harmonia do ambiente apenas é quebrada quando entra um novo participante nessa equação que não compartilha desses códigos sociais. Os ambulantes já conhecem os hábitos dos guardas, e evitam as estações que estão sendo vigiadas. Entretanto, isso não é suficiente para evitar um encontro entre os dois. Quando isso acontece (geralmente por uma das partes não estar familiarizada com as práticas exercidas), o camelô precisa dissimular sua atividade de maneira convincente, mas não aos olhos do guarda, e sim aos olhos do público. Desse modo, o guarda pode deixá-lo passar sem perder sua autoridade diante dos passageiros.

Existe entre os camelôs uma espécie de hierarquia. Alguns deles são mais conhecidos, tanto pelos guardas quanto pelos outros ambulantes, e tem mais poder de negociação em certos contextos. Conversando com um ambulante chamado Wagner, durante minha pesquisa de campo, ele me disse que prefere trabalhar quando há “derrame” (maneira como os camelôs chamam a apreensão de mercadorias feita pelos guardas). Segundo ele “quando tem derrame diminui a concorrência de camelôs, só fica mesmo quem quer trabalhar”. Ou seja, ele possui conhecimentos sobre o esquema de segurança da Supervia e consegue burlar essas apreensões. Embora o Wagner não se sentisse ameaçado com o derrame, a maioria dos outros ambulantes

Mapa geográfico das
atuais linhas de trem
da SuperVia



com os quais conversei relatou casos de abuso de autoridade por parte dos guardas. Eles contam que muitos tomam suas mercadorias - o que não é permitido por lei - sem sequer dar um recibo para que o ambulante possa reavê-la. Em alguns casos, cobram propina para deixá-los passar (PIRES, 2011, p. 117).

Em abril e em junho deste ano dois casos de abusos graves envolvendo guardas da Supervia foram denunciados na imprensa. Os dois camelôs apanharam dos guardas e um deles foi até ameaçado de morte. Na reportagem, ao ser questionado pelo reporter sobre a ilegalidade de vender produtos no trem, o camelô respondeu “eu sei que é errado. Mas eu estou desempregado no momento, minha mulher está grávida. É de lá que sai o sustento da minha família, eu não sou bandido”.

1.5. A CRIMINALIZAÇÃO DO VENDEDOR AMBULANTE

As estratégias da Supervia para coibir o comércio dentro dos trens não se baseia apenas nas ações dos guardas. Eles também fazem uso de seus meios de comunicação para “conscientizar” os passageiros sobre os “perigos” de consumir produtos vendidos pelos ambulantes.

“Essa reflexão ganha corpo quando se ouve o locutor advertir aos usuários para que não comprem as mercadorias vendidas nos trens, uma vez que eles desconhecem “a origem” e “a qualidade” desses produtos, que “podem inclusive ser produto de atos ilícitos”. Em outros termos, a Concessionária induz os passageiros a pensarem que as mercadorias vendidas pelos ambulantes são produto de roubo.” (MORAES DE CASTRO E SILVA, 2008, p.155)

A associação do trabalho informal com atos ilícitos é uma das maneiras de deslegitimar o trabalho do camelô. Como observado por Lenin Pires, é possível que esteja em curso sobre a atividade comercial ambulante o que o sociólogo Michel Misse designou por sujeição criminal “um processo social que incide sobre a identidade pública e muitas vezes íntima de um indivíduo” (PIRES, 2011, p. 114 apud MISSE, 1999, p. 210). Em minhas entrevistas, notei que os ambulantes descreviam sua categoria como sendo formada por uma maioria “de gente que não quer nada com a vida, que tem mal costume, que vem pra bagunçar mesmo”. Mas meus interlocutores sempre se colocavam como exceções, como trabalhadores em busca do sustento de suas famílias. Achei curioso que esse discurso se repetisse tanto, quando o que eu observava me dizia o contrário. Isso me fez pensar que talvez os próprios camelôs se enxerguem através da visão estigmatizada produzida por nossa sociedade sobre a atividade informal.

1.6. AS REPRESENTAÇÕES DO CAMELÔ

Para tentar entender melhor como a sociedade percebe os vendedores ambulantes do trem, fiz uma pesquisa a respeito do que a mídia mostra sobre eles e conversei com os passageiros. Uma matéria publicada pelo jornal Extra Online, em janeiro de 2012 dava a seguinte manchete “Camelódromo sobre trilhos: sem controle, vendedores ambulantes invadem vagões vendendo de temperos e bebidas a apostilas e roupas”. Pela escolha de expressões e palavras, como “fora de controle” e “invadem”, que denotam certa violência, podemos inferir que a prática do camelô é vista como um grande problema. Entretanto, esse não é o único discurso encontrado na mídia.



Uma matéria publicada no Extra Online em junho de 2011 fala sobre a variedade de produtos encontrados no trem. Embora a manchete focasse no trabalho dos vendedores cadastrados, “Comércio em vagões de trens da SuperVia não se restringe apenas a vendedores de bala ambulantes”, a reportagem falava também dos camelôs não permitidos e mostrava os aspectos positivos deste trabalho.

Em uma plataforma online para usuários reclamarem sobre o serviço de empresas, o ReclameAqui, encontrei o seguinte comentário “(...) venho reclamando da atuação descarada de ambulantes nas plataformas e trens. Até na Central, debaixo das suas barbas! Estas pessoas, em sua maioria, são viciados em drogas que tem como renda esse negócio ilícito.” A Supervia respondeu dizendo estar intensificando a repressão aos camelôs. O usuário que fez essa reclamação não se mostrou incomodado com os inconvenientes decorrentes da prática do camelô, como barulho ou falta de espaço, mas pautou sua reclamação no desmerecimento da identidade deste grupo.

Nas conversas com os passageiros as respostas foram mais amenas. Todos ressaltavam a conveniência de poder comprar diversos produtos dentro do trem, porém, algumas pessoas alegaram que a imagem do camelô “não transmite confiança” e que o fato da SuperVia não permitir o trabalho deles oficialmente os faz perder a credibilidade.

1.7. QUEM É O CAMELÔ DOS TRENS?

Este grupo de trabalhadores é bastante heterogêneo, no entanto, algumas características são predominantes. A maioria ainda é composta por homens, embora o número de mulheres vendendo no trem esteja aumentando atualmente. De acordo com as informações obtidas durante minha pesquisa de campo, muitos deles começaram a trabalhar como vendedores ambulantes ainda crianças, interrompendo sua formação escolar.

Parte dos vendedores também já passou pelo mercado formal de trabalho, mas ficaram desempregados e, por não serem formalmente especializados em uma profissão, recorreram ao trabalho autônomo como alternativa de renda.

De acordo com os vendedores, existem dois tipos de camelôs: os que ficam temporariamente no trem, enquanto não conseguem um trabalho formal, e os que assumem o trem como sua profissão. O primeiro tipo geralmente opta por vender artigos mais “fáceis” e de maior circulação, enquanto os que trabalham há mais tempo desenvolvem maior habilidade para vender certos tipos de produtos e permanecem alternando entre eles.

Durante minha pesquisa de campo, percebi que os vendedores são bastante abertos a contar suas histórias demonstrando ficar satisfeitos ao perceber que estou interessada em falar sobre o trabalho deles. Usarei esta predisposição para conversar no desenvolvimento do meu projeto, que será detalhado no capítulo a seguir.

2. O PROJETO

2.1. DEFINIÇÃO DA PROPOSTA

Durante a fase inicial de pesquisa, eu não tinha em mente uma saída projetual que direcionasse minhas investigações. Ao contrário, foi o conjunto das informações levantadas que guiou meu processo de geração de ideias.

Partindo desse conjunto, eu percebi o potencial de trabalhar com as histórias dos ambulantes, usando-as como matéria prima para promover a discussão sobre a prática deles, além de contribuir para a legitimação, numa perspectiva social, do trabalho do camelô. Outro requisito importante que eu havia definido é que meu projeto teria como público alvo as pessoas envolvidas no ambiente do trem: passageiros e vendedores.

Nesse sentido, minha primeira proposição consistia em produzir uma série de intervenções gráficas que assumiriam formatos variados e seriam distribuídas e/ou expostas no trem. Elas apresentariam aspectos da prática dos camelôs unindo texto e recursos gráficos e convidariam o público a interagir com o projeto, que teria uma página na internet para divulgar e receber novas histórias.

Tal direcionamento, no entanto, não estava me satisfazendo, sua definição estava pouco consistente. Considerando o tempo disponível para a realização do projeto e a natureza de informações que eu tinha, decidi focar em apenas um objeto gráfico: uma zine.

Podemos definir um zine como periódicos auto-publicados com pequenas tiragens, normalmente xerocados, frequentemente irreverentes, e usualmente direcionados a audiências com interesses muito específicos (WRIGHT, 1997). Sendo assim, considerei apropriada a reunião de várias histórias em um único objeto editorial que pudesse circular entre os frequentadores do trem. Como as pessoas passam um tempo considerável no trajeto, é comum que leiam livros e revistas ou usem smartphones para se distrair, nesse sentido, acredito que a zine possa capturar a atenção dessas pessoas.

2.1.1. OBJETIVO GERAL

Esta zine tem como objetivo registrar e reunir histórias relacionadas ao comércio ambulante nos trens do Rio de Janeiro, dando visibilidade ao trabalho dos camelôs.

2.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover o debate e reflexão sobre o comércio informal
- Contribuir para a legitimação do trabalho dos camelôs
- Registrar um panorama das relações sociais estabelecidas neste cenário

2.2. DESENVOLVIMENTO

2.2.1. CONTEÚDO

Antes de partir para definições concretas sobre o conteúdo, retomei alguns pontos e organizei parâmetros que me auxiliassem a tomar as decisões.

O que eu quero mostrar?

Aspectos pouco vistos pelo público sobre o comércio ambulante no trem

Como eu quero mostrar?

Por meio de fragmentos de narrativas oriundas desse cenário

Por que eu quero mostrar isso?

Pois acredito que o registro e a pesquisa sobre os ambulantes dos trens do Rio de Janeiro possa funcionar como uma ferramenta que ajude a legitimar essa atividade e que possa estimular o debate sobre o trabalho informal

Minha primeira proposta de conteúdo para a zine consistia em dividi-la em três seções, cada uma dando conta de um aspecto da vida no trem: passageiros, ambulantes e produtos. Nas duas primeiras seções, haveriam fragmentos de histórias, na última, composições gráficas imagéticas com os produtos que mais fazem sucesso. Ao longo do projeto, decidi focar a zine apenas nas narrativas, abrindo mão da terceira seção, que seria apenas fotográfica. Para esta etapa, produzi duas bonecas (1), simulando diferentes cortes possíveis para as seções.

Tendo isso em mente, passei a decupar o material que havia reunido na minha pesquisa de campo. Aproveitei alguns dos textos, mas concluí que eu deveria voltar ao exercício de entrevistar passageiros e ambulantes, já sabendo qual seria a finalidade das informações, para explorar melhor o potencial de contar história que as pessoas tem.

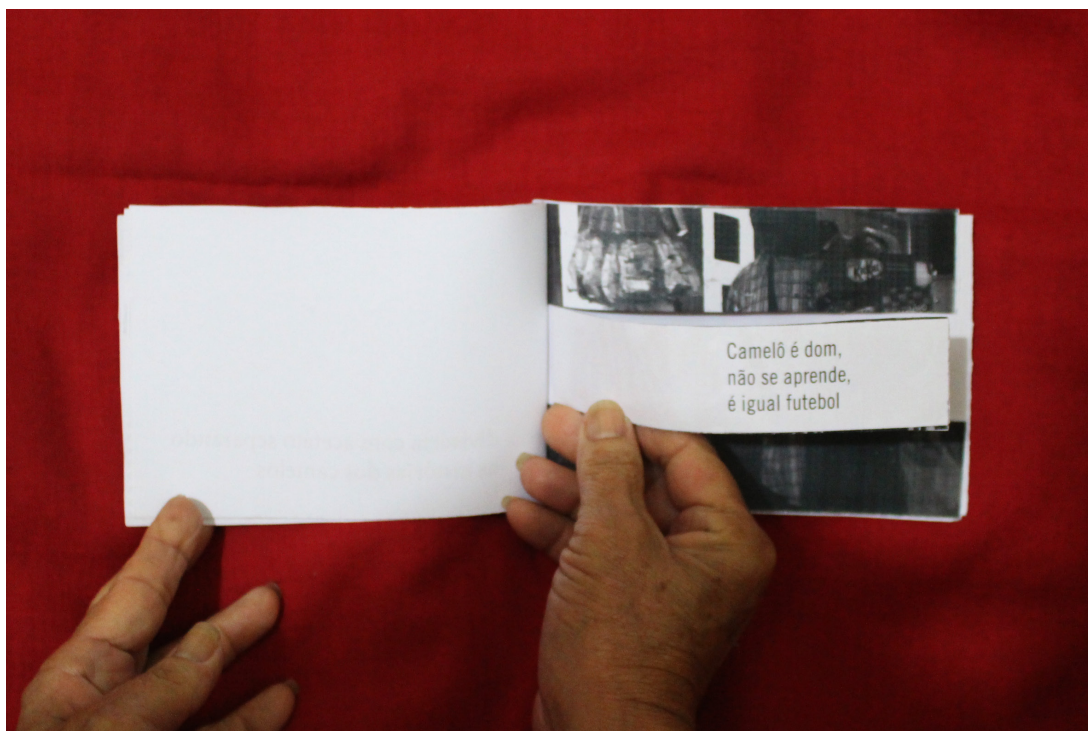
Essas entrevistas aconteceram entre setembro e outubro de 2015. Ao contrário do primeiro semestre, para esta rodada, eu não elaborei um roteiro.

Tendo reunido alguns relatos, decidi quais entrariam na zine buscando diversidade de perspectivas e dando preferência às narrativas mais pessoais. Optei por apresentar textos curtos, de fácil leitura. Como na velocidade do trem, o objetivo é que em conjunto essas narrativas se misturem, criando outras possibilidades de histórias.

As imagens disponíveis são, em sua maioria, feitas com o celular e retratam os camelôs em seus momentos de trabalho. A princípio, eu tentei levar uma câmera e fazer fotos com mais qualidade, entretanto, percebi que a câmera intimidava as pessoas e me colocava como uma presença estranha ao local. Neste contexto, optei por assumir fotos de celular como característica das imagens do projeto.

Eu havia chegado a duas opções de nomes para a zine: *Aqui trem*, uma espécie de trocadilho que faz referência a riqueza de narrativas e ao espaço físico que inspirou o trabalho, e *Passatempo da sua viagem*, fazendo referência a um bordão clássico dito pelos camelôs. Optei pela primeira opção por ela instigar mais possibilidades de interpretação, além de ser mais curta e mais sonora.

(1)



2.2.2. PROJETO GRÁFICO

Como a *Aqui Trem* é um zine que se propõe a ilustrar parte do universo dos vendedores ambulantes, que é um ambiente extremamente rico visualmente, decidi que ela deveria representar graficamente essa “sensação de estar no trem”. Elenquei alguns aspectos relacionados ao comércio ambulante e ao ambiente ferroviário para que eles guiassem minhas escolhas gráficas.

TREM	VENDEDORES AMBULANTES
Movimento, velocidade	Gambiarrras
Sobreposições (cores, pessoas)	Volumes
Fragmentação (vagões)	Aglutinação de coisas
Metal, cinza	Repetição (caixas, produtos)
Faixas, faixa amarela	Caixas, quadrados, containers

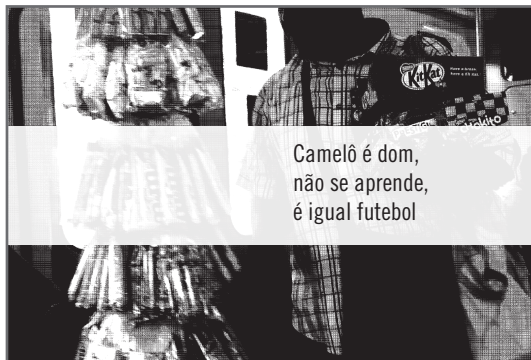
Com esses conceitos em mente, comecei minhas primeiras experimentações gráficas. Sendo a risografia uma linguagem comum às publicações independentes, considerei produzir o zine com essa técnica. Neste sentido, tentei dialogar com as características da impressão risográfica nas soluções visuais. Trabalhei com duas cores sobrepostas e retícula, buscando trazer a atmosfera de movimento e sobreposição (2).

Observando o resultado dessas experimentações, percebi que, aliado à natureza das minhas imagens, o zine estava ficando com uma atmosfera soturna, como se as histórias fossem depoimentos criminais. Optei tentar um outro caminho gráfico, valorizando as cores originais da fotografia.

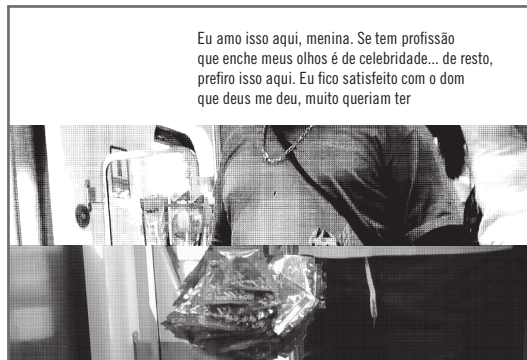
Como estratégia para a ilustração das páginas, experimentei fazer colagens manuais. As colagens figurativas (3) são representações das histórias contadas pelos passageiros, as colagens abstratas a partir de fotos (4) são a representação das páginas com histórias dos camelôs.

A partir do resultado dessas colagens, optei por investir na fragmentação do corte vertical das imagens. As tiras, quando organizadas de maneira dinâmica, mesclando mais de uma foto, trazem uma atmosfera de velocidade e movimento e se adequam como recurso gráfico para o material bruto disponível. No projeto gráfico final, mesclei colagens manuais com colagens feitas digitalmente. Com o resultado gráfico obtido, os cortes verticais e horizontais nas páginas foram abandonados.

(2)



Camelô é dom,
não se aprende,
é igual futebol



Eu amo isso aqui, menina. Se tem profissão
que enche meus olhos é de celebridade... de resto,
prefiro isso aqui. Eu fico satisfeito com o dom
que deus me deu, muito queriam ter



A ignorância do dono da Supervia é a parte mais difícil de
trabalhar aqui. Eles acham que nós, camelôs, somos ratos.
Uma vez que nós fomos numa reunião para poder legalizar
para trabalhar aqui, ele falou "Pra mim, vocês são ratos.
Vocês não merecem trabalhar dentro da empresa"



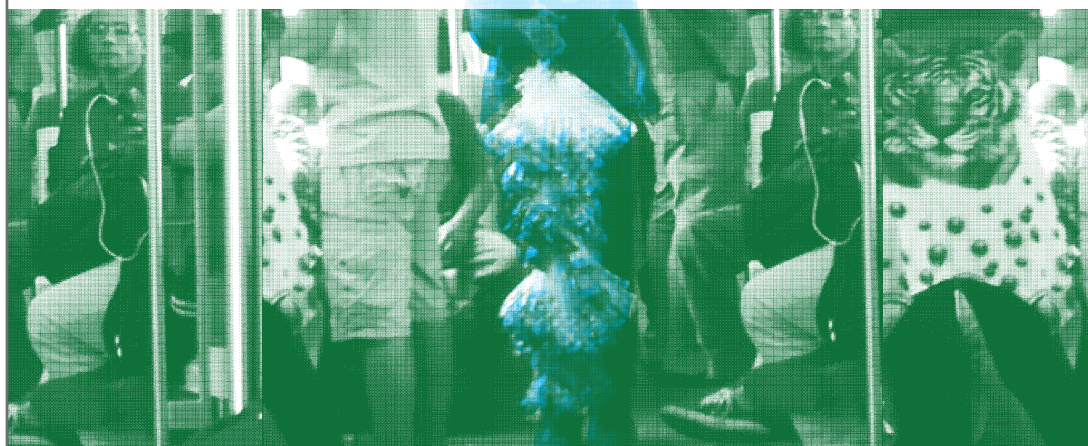


Eu estava vendendo bala, doce, essas coisas. Aí ela comprou um saquinho de bala e disse que já tinha me visto lá perto de casa, puxou conversa e eu dei assunto.

Ela sempre pegava o trem no mesmo horário e a gente sempre se falava, eu sempre dava amendoim pra ela, ela só não gostava quando eu tava vendendo cerveja.

Aí um dia eu tava voltando pra casa na sexta, naquele trem que o pessoal toca samba e ela tava lá. Aí eu pensei "minha chance, né!", tava a toa mesmo.

Acabou que a gente namorou por um tempo mas no fim das contas a gente se desentendeu, ela tinha ciúme quando eu vinha trabalhar, aí não dava...



Eu comecei a trabalhar no trem quando tinha uns 8 anos. Nesse tempo eu já trabalhei de carteira assinada, mas depois desses intervalos eu sempre volto pra cá. Eu gosto de poder trabalhar me movimentando... trabalhei como porteiro uma vez e guentei não. Meu negócio é gente.



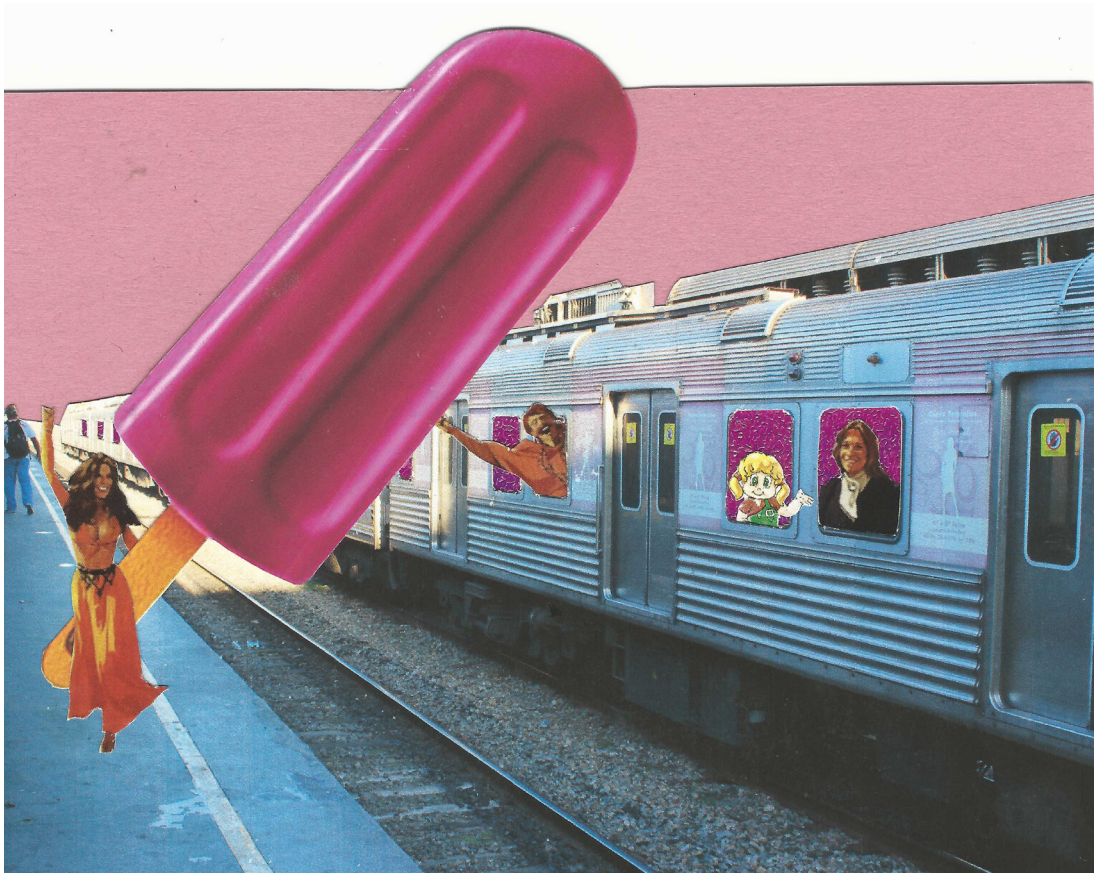
(3)

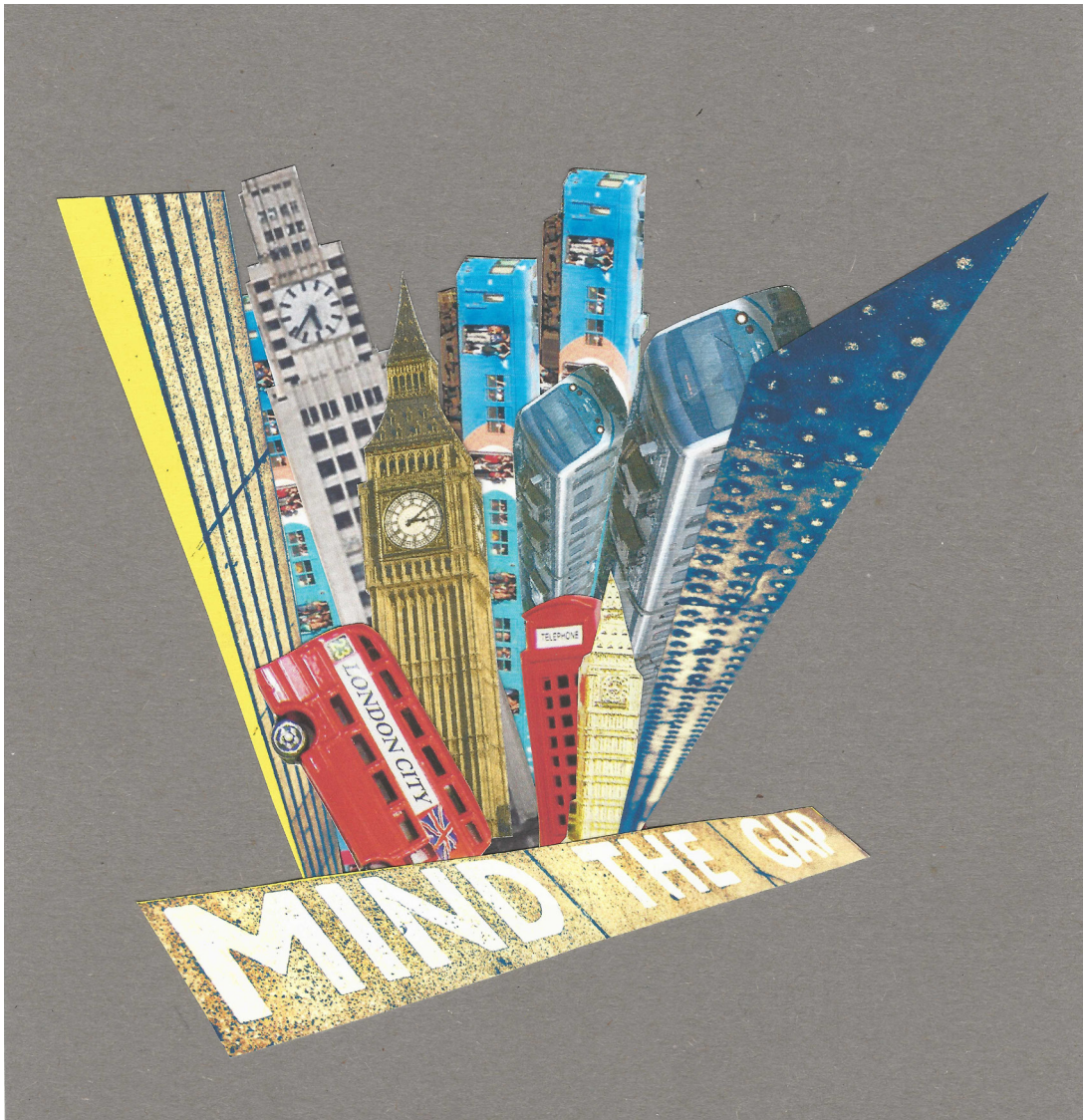














(4)





2.3. RESULTADO

2.3.1. ESPECIFICAÇÕES

COR E TIPOGRAFIA

Em contraponto ao colorido saturado presente nas fotografias, os outros elementos gráficos utilizaram apenas preto, amarelo e tons de cinza. O amarelo faz referência as faixas de segurança das plataformas, que se destacam na paisagem predominantemente cinza e azul das estações.

COR #1



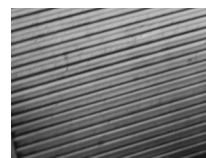
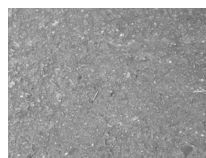
C 0	R 255
M 0	G 242
Y 100	B 0
K 0	

COR #2



C 0	R 0
M 0	G 0
Y 0	B 0
K 100	

Fotografias de texturas cinzas presentes no ambiente do trem, lataria, chão da plataforma e chão das composições foram utilizadas como fundo para os textos.



TIPOGRAFIA: Trade Gothic

AQUI TREM

FORMATO E ENCADERNAÇÃO

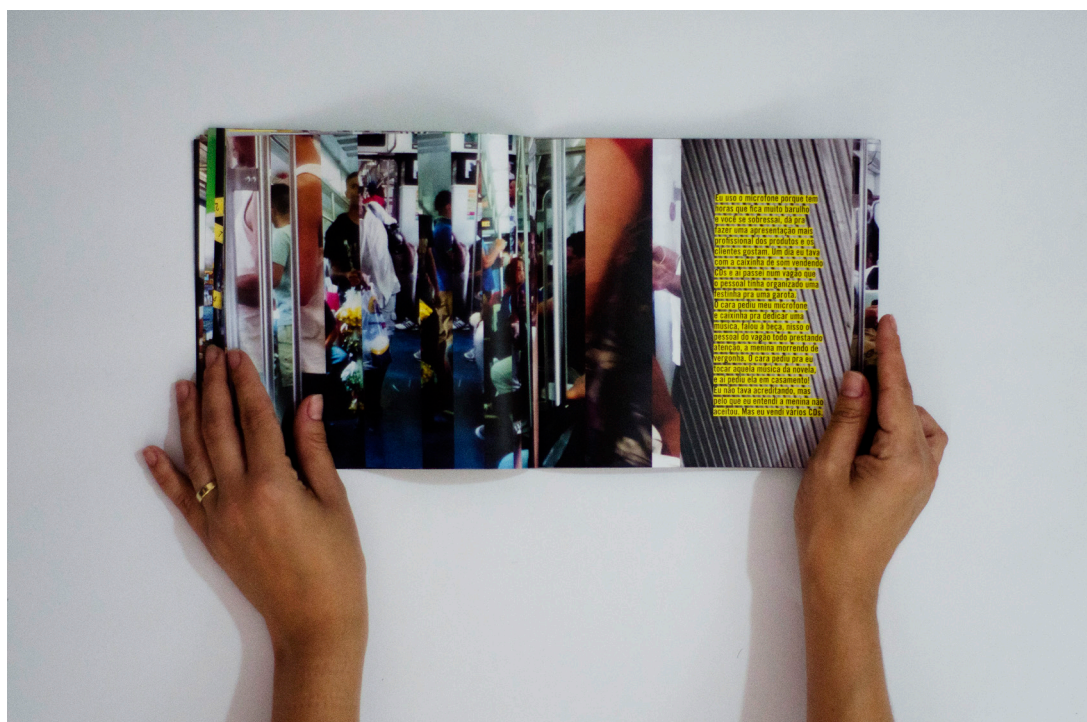
Formato: 21x18.

Encadernação: manual, feita com bailarinas (prendedores de papel facilmente encontrados em papelarias) com contracapa de papel paraná.

2.3.2. REGISTRO







EM SEI O NOME DOIS POR UM REAL É O PASSATEMPO DA SUA VIAGEM FREGUESA BEM BARATO E NA VALIDADE O QUE É
AIS IMPORTANTE O CAMINHÃO VIROU E O PREÇO CAIU MENTIRA VÊ SE EUTENHO CARA DE LADRÃO NÃO RESPONDE ESCOI
E DENTE TRÊS POR CINCO LEVA ELE LEVA ELA PARA FAZER A ALEGRIA DA CRIANÇA VÊ SE O SEU FILHO NÃO MERECE DA S
MA OLHADINHA PRA CÁ SEM COMPROMISSO POR DEZ REAIS LÁ FORA HOJE O VENDEADOR TRAZ PELA METADE DO PREÇ
O KITKAT CHOKITO OLHA A PAÇOÇA BATATA DOIS REAIS TORCIDA É PRA ACABAR O ÚLTIMO AQUI NA MINHA MÃO MAIS U
QUI PARA O FREGUÊS PODE DEIXAR BARATO ASSIM SÓ AQUI NA MINHA MÃO O CAMELÔ FICOU MALUCO É MARCA BOA ESS
ALA É VENDIDA EM AEROPORTO E LOJAS AMERICANAS O CAMELÔ TRAZ MUITO MAIS BARATO UMA ATENÇÃO DO SENHOR
A SENHORA ESSE PRODUTO DESCASCA CORTA PICA E TIRA SUCO DE LARANJA ME AJUDE POIS MINHA SOGRA FOI MORAR
A EM CASA CHEGOU COLEÇÃO COM MIL E QUINHENTOS JOGOS SÓ NESTE CD AS MAIS BELAS MÚSICAS ROMÂNTICAS TUI
SO APENAS CINCO REAIS HOJE EU VENHO TRAZENDO PARA VOCÊS QUEM ANDA NO JAPERI JÁ ME CONHECE TEM PAÇOÇ
EM BALA TEM MENTOS TEM TRIDENT TEM DOCE OLHA A PELE SALGADINHA E CROCANTE APENAS UM REAL PELE PEI
CAR ESSE CALOR EU
CURSO DO MERCADO
ENDOIM COM CASCA
IS POR UM REAL É O

AQUI TREM

PELE UM REALLATÃ
TENHO AQUI A ME
DESCULPE ATRAPA
AMENDOIM SEM CA

ELE UM REAL LATÃO DE ANTÁRTICA ÁGUA PICOLÉ PARA REFRESCAR ESSE CALOR EU TENHO AQUI A MELHOR APOSTIL
ARA ESTUDAR PARA CONCURSO DO MERCADO DESCULPE ATRAPALHAR O SILÊNCIO DA SUA VIAGEM TEM AMENDOIM CO
ASCA AMENDOIM SEM CASCA AMENDOIM QUE EU NEM SEI O NOME DOIS POR UM REAL É O PASSATEMPO DA SUA VIAGE
REGUESA BEM BARATO E NA VALIDADE O QUE É O MAIS IMPORTANTE O CAMINHÃO VIROU E O PREÇO CAIU MENTIRA VÊ S
U TENHO CARA DE LADRÃO NÃO RESPONDE ESCOVA DE DENTE TRÊS POR CINCO LEVA ELE LEVA ELA PARA FAZER A ALEGRI
A CRIANÇA VÊ SE O SEU FILHO NÃO MERECE DÁ SÓ UMA OLHADINHA PRA CÁ SEM COMPROMISSO POR DEZ REAIS LÁ FOR
DJE O VENDEADOR TRAZ PELA METADE DO PREÇO O KITKAT CHOKITO OLHA A PAÇOÇA BATATA DOIS REAIS TORCIDA É PR
CABAR O ÚLTIMO AQUI NA MINHA MÃO MAIS UM AQUI PARA O FREGUÊS PODE DEIXAR BARATO ASSIM SÓ AQUI NA MINH
ÃO O CAMELÔ FICOU MALUCO É MARCA BOA ESSA BALA É VENDIDA EM AEROPORTO E LOJAS AMERICANAS O CAMELÔ TRA
UITO MAIS BARATO UMA ATENÇÃO DO SENHOR E DA SENHORA ESSE PRODUTO DESCASCA CORTA PICA E TIRA SUCO D
ARANJA ME AJUDE POIS MINHA SOGRA FOI MORAR LÁ EM CASA CHEGOU COLEÇÃO COM MIL E QUINHENTOS JOGOS SÓ NEST

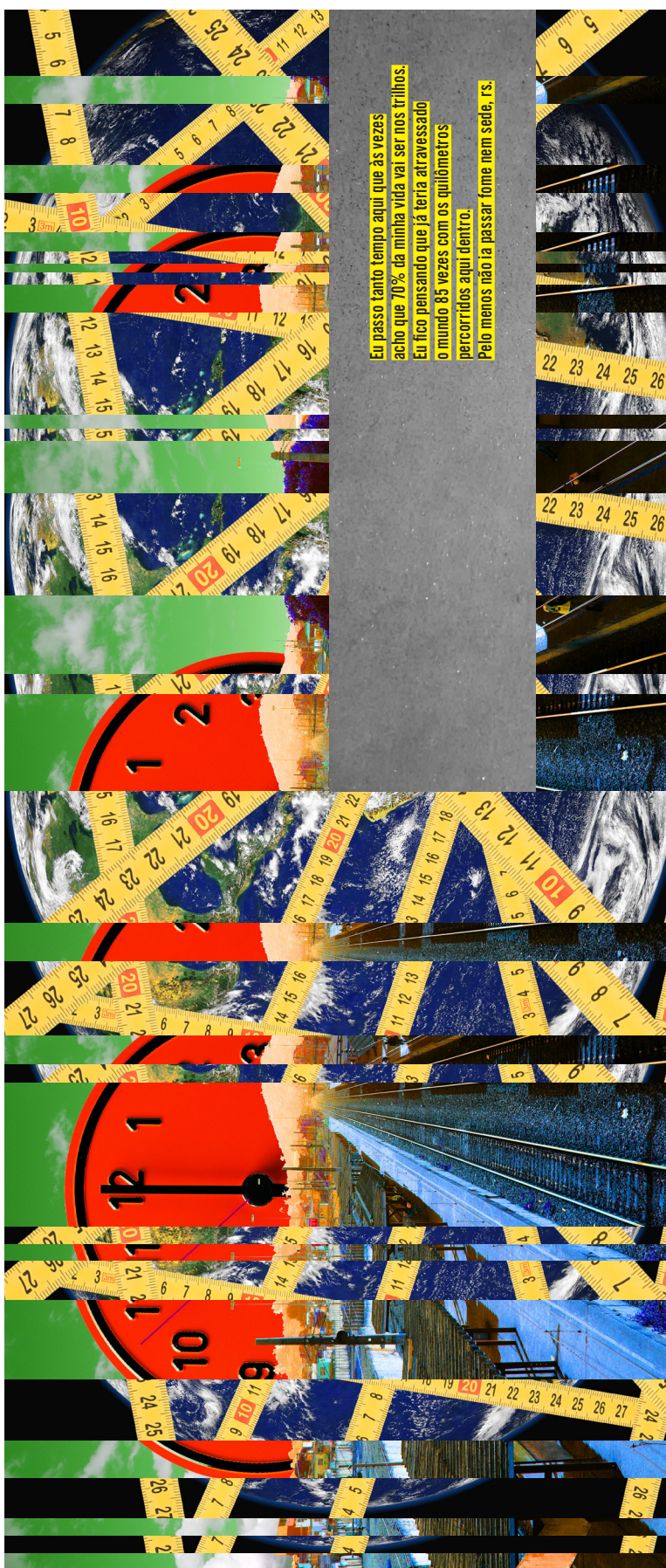
OLÁ!

Ao virar as próximas páginas, você fará uma viagem diferente pelos trens do Rio de Janeiro. Esqueça o calor, a pressa e as composições "operando com intervalos irregulares" da Supervia. Neste zine, você vai embarcar no universo dos vendedores ambulantes do trem.

AQUI TREM reúne fragmentos de histórias que tem como ponto comum o seu cenário: o comércio nos trilhos. Afinal, aqui tem de tudo. Tem salgadinho, tem descascador, tem cerveja... e claro, tem sempre uma história pra ser contada. Esta compilação de conversas com camelôs e passageiros busca registrar, através de relatos e imagens, parte deste universo e suas ações que se desenrolam, todos os dias, de estação em estação.



Eu estava vendendo bala, doce,
essas coisas. Ai ela comprou um
saquinho de bala e disse que já tinha
me visto lá perto de casa, puxou
conversa e eu dei assunto.
Ela sempre pegava o trem no mesmo
horário e a gente sempre se falava,
eu sempre dava amendoim pra ela,
ela só não gostava quando eu tava
vendendo cerveja.
Ai um dia eu tava voltando pra casa
na sexta, naquele trem que o pessoal
toca samba e ela tava lá.
Ai eu pensei "minha chance, né!",
tava à toa mesmo.
Acabou que a gente namorou por
um tempo, mas no fim das contas
a gente se desentendeu, ela tinha
ciúme quando eu vinha trabalhar,
ai não dava...



Eu passo tanto tempo aqui que às vezes
acho que 70% da minha vida vai ser nos trilhos.
Eu fico pensando que já teria atravessado
o mundo 85 vezes com os quilômetros
percorridos aqui dentro.
Pelo menos não ia passar fome nem sede, rs.

Quando eu preciso sair pra ir fazer alguma coisa no Centro e pego trem, eu não consigo ficar parado, tenho que vender, mesmo que seja só uma viagem, né?

Se eu fico parado me sinto jogando dinheiro fora. Minha mulher é que não gosta, fui no médico com ela outro dia e deixei ela sentada e fui tentar vender, porque era aquele trem com passagem entre os vagões. Ela fica bolada mas ela entende, qualquer dia ela começa a vender também.



Quando eu preciso sair pra ir fazer alguma coisa no Centro e pego trem, eu não consigo ficar parado, tenho que vender, mesmo que seja só uma viagem, né?

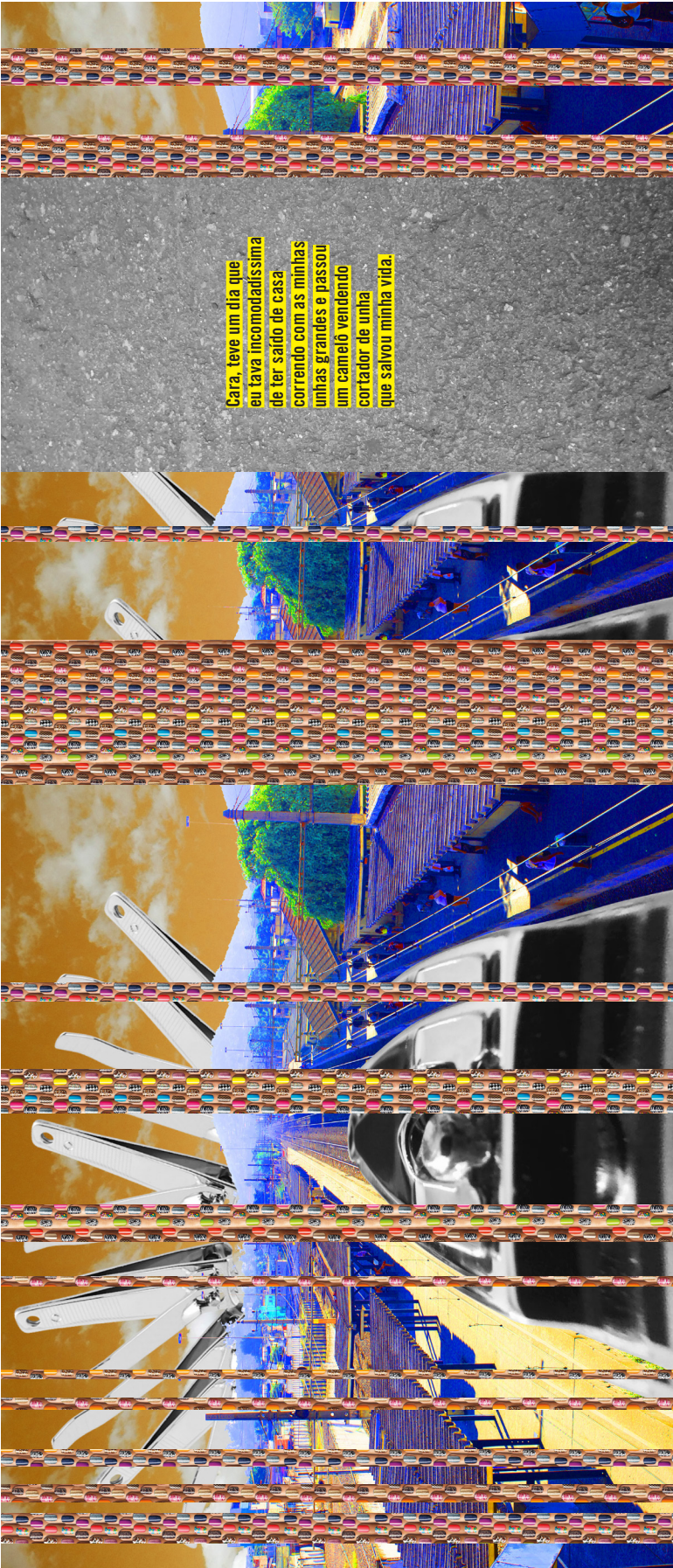
Se eu fico parado me sinto jogando dinheiro fora. Minha mulher é que não gosta, fui no médico com ela outro dia e deixei ela sentada e fui tentar vender, porque era aquele trem com passagem entre os vagões. Ela fica bolada mas ela entende, qualquer dia ela começa a vender também.



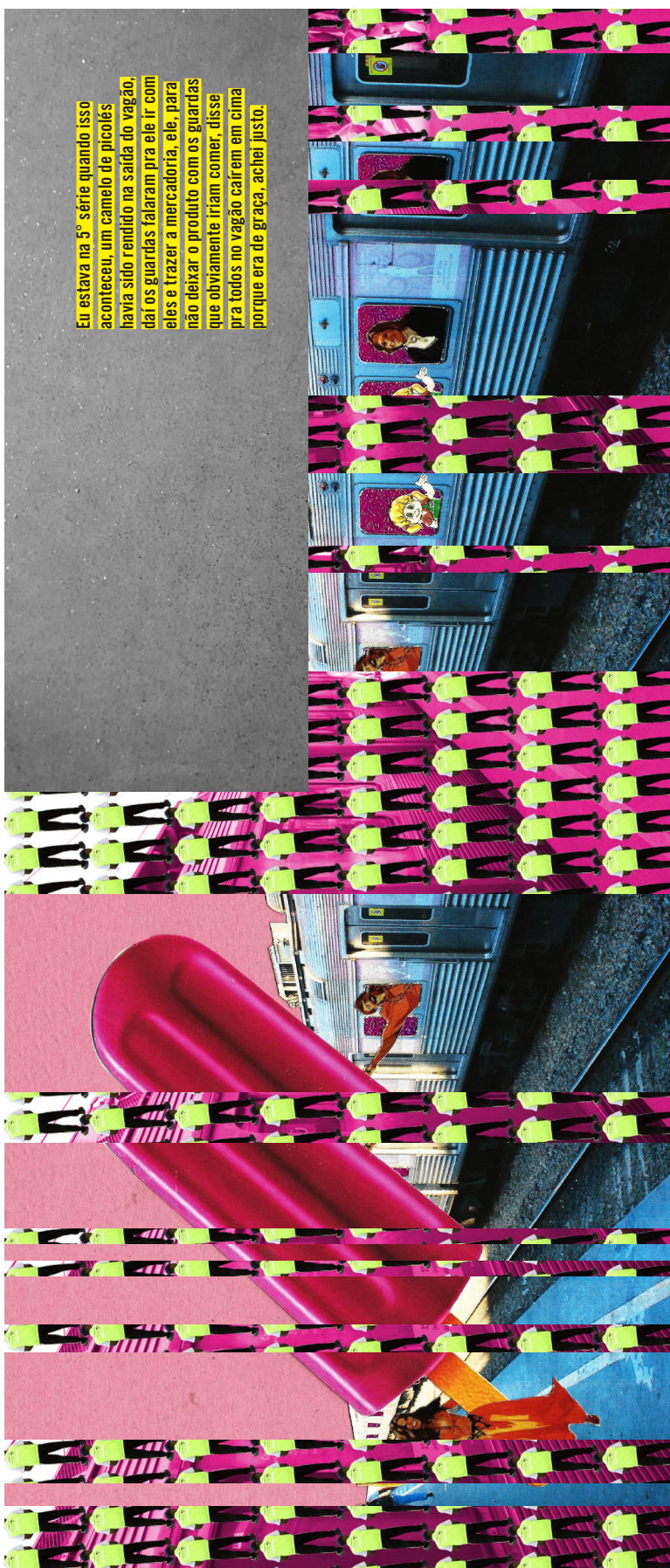
Quando o trem tá cheio e os camelôs passam com as caixas gigantes esbarrando em mim eu fico bolada, mas confesso que fico boladíssima também quando volto a noite e não entra nenhum vendendo nada. Eu tenho que chegar na faculdade correndo à noite, mal paro em casa e não dá tempo de comer, essa praticidade salva.



Eu uso o microfone porque tem horas que fica muito barulho e você se sobressai. dá pra fazer uma apresentação mais profissional dos produtos e os clientes gostam. Um dia eu tava com a caixinha de som vendendo CDs e aí passei num vagão que o pessoal tinha organizado uma festinha pra uma garota. O cara pediu meu microfone e caixinha pra dedicar uma música, falou à beça, nisso o pessoal do vagão todo prestando atenção, a menina morrendo de vergonha. O cara pediu pra eu tocar aquela música da novela, e aí pediu ela em casamento! Eu não tava acreditando, mas pelo que eu entendi a menina não aceitou. Mas eu vendi vários CDs.



Cara, teve um dia que
eu tava incomodadíssima
de ter saído de casa
correndo com as minhas
unhas grandes e passou
um camelo vendendo
cortador de unha
que salvou minha vida.



Eu estava na 5ª série quando isso aconteceu, um camelo de picolés havia sido rendido na saída do vagão, daí os guardas falaram pra ele ir com eles e trazer a mercadoria, ele, para não deixar o produto com os guardas que obviamente iriam comer, disse pra todos no vagão caírem em cima porque era de graça, achei justo.

Teve uma vez, o pessoal estava vindo da faculdade, só jovens, o mais velho ali devia ter uns 22, 23 anos, por aí. Aí eu entrei no vagão falando, falando, falando, vendendo meu produto, aí quando eu passei, eles me perguntaram: "no cara, você já fez faculdade de marketing?" aí eu "o quê que é isso?" aí eles "de propaganda, de convencer as pessoas...". Aí eu "não cara, esse é o meu trabalho mesmo", aí o menino "porque cara, o que a gente tá pagando caro para aprender, você já tira de letra".



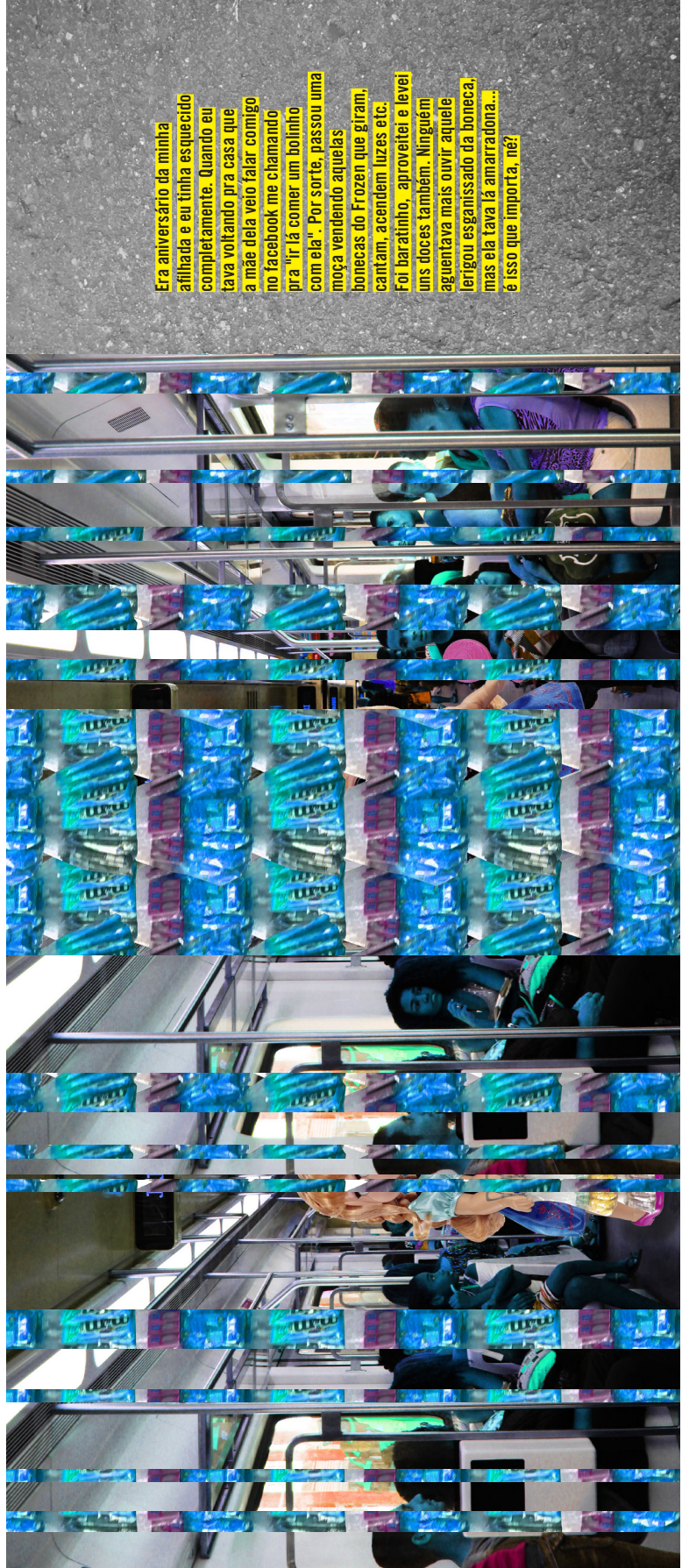


Eu acho que se você levar
uma sacola grande, dá pra fazer
a feira do mês no trem. Não precisa
nem levantar da cadeira. Eu achei
o trem do Rio um ponto turístico,
é tipo o metrô de Londres.
Só conhecendo mesmo para saber
das peculiaridades...

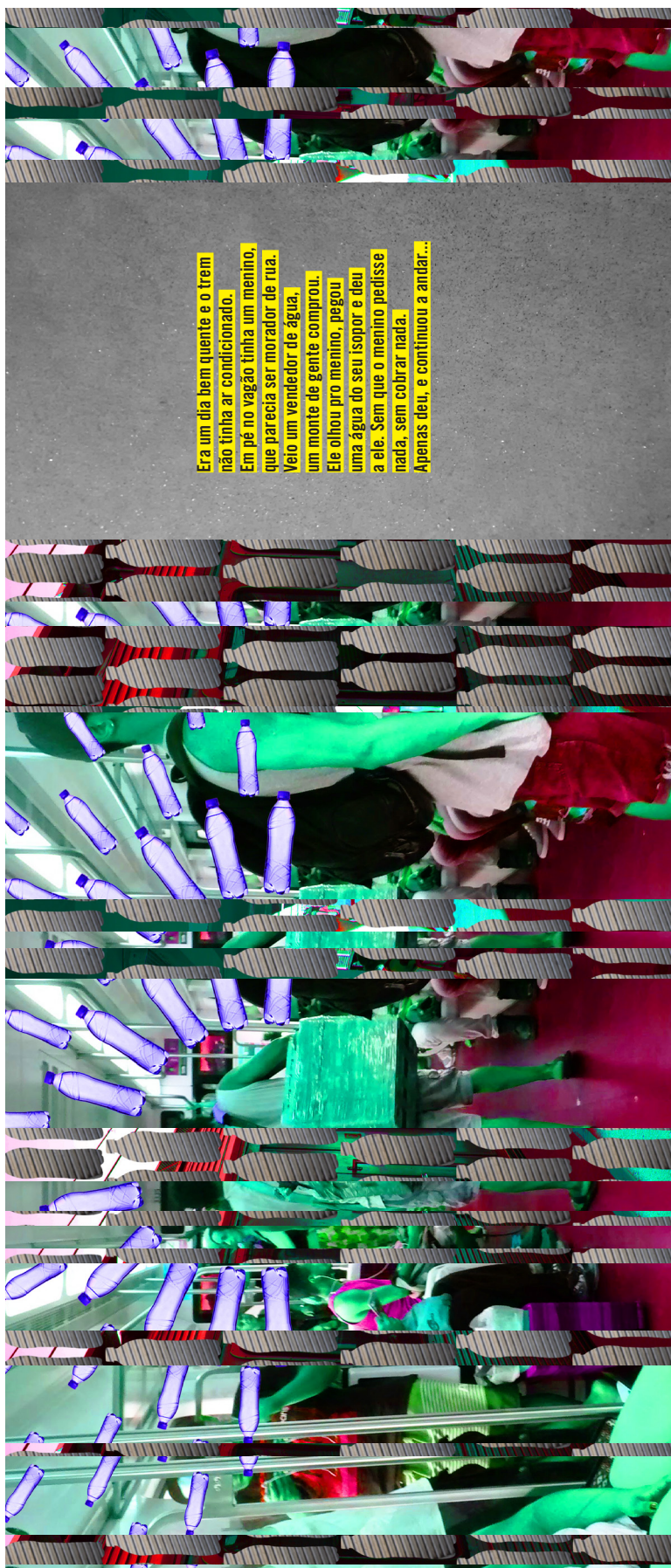




Era aniversário da minha
afilhada e eu tinha esquecido
completamente. Quando eu
tava voltando pra casa que
a mãe dela veio falar comigo
no facebook me chamando
pra "ir lá comer um bolinho
com ela". Por sorte, passou uma
moça vendendo aquelas
bonecas do Frozen que giram,
cantam, acendem luzes etc.
Foi baratinho, aproveitei e levei
uns doces também. Ninguém
aguentava mais ouvir aquele
lerigou esganissado da boneca,
mas ela tava lá amarradona...
é isso que importa, né?







Era um dia bem quente e o trem
não tinha ar condicionado.
Em pé no vagão tinha um menino,
que parecia ser morador de rua.
Veio um vendedor de água,
um monte de gente comprou.
Ele olhou pro menino, pegou
uma água do seu isopor e deu
a ele. Sem que o menino pedisse
nada, sem cobrar nada.
Apenas deu, e continuou a andar...



Como eles podem ser contra o nosso trabalho? É só chegar na Central e ver que tem um monte de moradores de rua, já tem muita gente sem emprego, sem ter como se sustentar. Aqui a gente faz um trabalho honesto, garantindo o nosso e o da nossa família. Já tá difícil pra todo mundo, vão piorar?

SOBRE O PROJETO

Fevereiro de 2015, mais ou menos uma hora da tarde, entro em um vagão de trem na estação de Comendador Soares com destino a Central do Brasil. Nesse horário, ele não está tão cheio e é um dos melhores momentos para quem quer comprar de doces a utensílios de cozinha, o desfile de mercadorias acontece durante toda a viagem.

A prática dos ambulantes nos trens da Central do Brasil resiste há anos e acompanhou as mudanças de administração das ferrovias, sendo em determinados momentos mais tolerada e em outros, mais reprimida. “Fora de controle. Já vi vendedores irregulares ajuar diariamente nos trens”. Essa foi uma manchete publicada pelo O Dia online, no dia 25/08/2014. O tom usado nesta matéria para retratar os camelôs não é uma exceção nas representações desta categoria.

Embora seja notório que nos últimos anos o conflito direto entre os agentes da Supervia e os camelôs tenha diminuído, o trabalho do ambulante ainda é uma atividade não autorizada e, portanto, é uma prática constantemente delegitimada perante a sociedade. De acordo com a legislação ferroviária atual, não podemos negar o direito que a Concessionária tem de tentar impedir o comércio de produtos e serviços não autorizados dentro do trem. Porém, isso é diferente de criminalizar o trabalho informal.

A atividade dos vendedores ambulantes nos trens é, sem dúvida, algo que não passa sem ser notado. Não se pode dizer o mesmo, no entanto, do camelo em si, da pessoa que exerce essa atividade. Como ocorre com trabalhadores de outras categorias que se misturam à paisagem urbana, a presença do camelo no trem é considerada natural pelo público, devendo

de ser percebida para além da sua função. Apesar do aspecto negativo que pode ser inferido por essa “invisibilidade”, estar posicionado dessa maneira confere ao camelo certa privacidade e compreensão do espaço.

Como suas vendas dependem da sua capacidade de entender o público, o ambulante se torna um constante observador. Ele percebe a cidade através de um ponto de vista móvel que, portanto, deixa de ser um ponto e se torna uma trama de linhas. Nessa rede, ele está em constante conflito com as pessoas, dividindo com elas o espaço e experimentando as diferenças de comportamento de acordo com o ramal, o horário e o dia da semana em questão.

Apesar de dar conta de uma demanda real dos passageiros e de exercer uma atividade de grande importância econômica, o camelo é posto em constante conflito com outros setores da sociedade. Sendo assim, acredito que o registro e a pesquisa sobre os trabalhadores informais nos trens do Rio de Janeiro possa funcionar como uma ferramenta que auxilia a legitimar essa atividade e que possa enriquecer o debate sobre o trabalho informal. Indo além disso, considero que esse trabalho faz parte da nossa cultura e, como tal, é uma fonte de informações que pode nos ajudar a compreender nossa sociedade.

A partir dessas questões, decidi que este seria o tema do meu projeto de graduação na ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial: o universo dos vendedores ambulantes dos trens do Rio de Janeiro. Como resultado do projeto, surgiu a AQUI TREM.

Tem uma história pra contar? Me manda um email!

mora.ze.marcelle@gmail.com

Marcelle Azevedo

3)

EM SEI O NOME DOIS POR UM REAL É O PASSATEMPO DA SUA VIAGEM FREGUESA BEM BARATO E NA VALIDADE O QUE É
AIS IMPORTANTE O CAMINHÃO VIROU E O PREÇO CAIU MENTIRA VÊ SE EU TENHO CARA DE LADRÃO NÃO RESPONDE ESCOL
E DENTE TRÊS POR CINCO LEVA ELE LEVA ELA PARA FAZER A ALEGRIA DA CRIANÇA VÊ SE O SEU FILHO NÃO MERECE DÁ S
MA OLHADINHA PRA CÁ SEM COMPROMISSO POR DEZ REAIS LÁ FORA HOJE O VENDEDOR TRAZ PELA METADE DO PREÇ
O KITKAT CHOKITO OLHA A PAÇOÇA BATATA DOIS REAIS TORCIDA É PRA ACABAR O ÚLTIMO AQUI NA MINHA MÃO MAIS U
QUI PARA O FREGUÊS PODE DEIXAR BARATO ASSIM SÓ AQUI NA MINHA MÃO O CAMELÔ FICOU MALUCO É MARCA BOA ESS
ALA É VENDIDA EM AEROPORTO E LOJAS AMERICANAS O CAMELÔ TRAZ MUITO MAIS BARATO UMA ATENÇÃO DO SENHOR
A SENHORA ESSE PRODUTO DESCASCA CORTA PICA E TIRA SUÇO DE LARANJA ME AJUDE POIS MINHA SOGRA FOI MORAR I
M CASA CHEGOU COLEÇÃO COM MIL E QUINHENTOS JOGOS SÓ NESTE CD AS MAIS BELAS MÚSICAS ROMÂNTICAS TUDO ISS
PENAS CINCO REAIS HOJE EU VENHO TRAZENDO PARA VOCÊS QUEM ANDA NO JAPERI JÁ ME CONHECE TEM PAÇOÇA TE
ALA TEM MENTOS TEM TRIDENT TEM DOCE OLHA A PELE SALGADINHA E CROCANTE APENAS UM REAL PELE PELE DESCUL
TRAPALHAR O SILÊNCIO DA SUA VIAGEM TEM AMENDOIM COM CASCA AMENDOIM SEM CASCA AMENDOIM QUE EU NEM S
NOME DOIS POR UM REAL É O PASSATEMPO DA SUA VIAGEM FREGUESA BEM BARATO E NA VALIDADE O QUE É O MA
IMPORTANTE O CAMINHÃO VIROU E O PREÇO CAIU MENTIRA VÊ SE EU TENHO CARA DE LADRÃO NÃO RESPONDE ESCOVA T
ENTE TRÊS POR CINCO LEVA ELE LEVA ELA PARA FAZER A ALEGRIA DA CRIANÇA VÊ SE O SEU FILHO NÃO MERECE DÁ S
MA OLHADINHA PRA CÁ SEM COMPROMISSO POR DEZ REAIS LÁ FORA HOJE O VENDEDOR TRAZ PELA METADE DO PREÇ
O KITKAT CHOKITO OLHA A PAÇOÇA BATATA DOIS REAIS TORCIDA É PRA ACABAR O ÚLTIMO AQUI NA MINHA MÃO MAIS U
QUI PARA O FREGUÊS PODE DEIXAR BARATO ASSIM SÓ AQUI NA MINHA MÃO O CAMELÔ FICOU MALUCO É MARCA BOA ESS
ALA É VENDIDA EM AEROPORTO E LOJAS AMERICANAS O CAMELÔ TRAZ MUITO MAIS BARATO UMA ATENÇÃO DO SENHOR
A SENHORA ESSE PRODUTO DESCASCA CORTA PICA E TIRA SUÇO DE LARANJA ME AJUDE POIS MINHA SOGRA FOI MORAR I
M CASA CHEGOU COLEÇÃO COM MIL E QUINHENTOS JOGOS SÓ NESTE CD AS MAIS BELAS MÚSICAS ROMÂNTICAS TUDO ISS
PENAS CINCO REAIS HOJE EU VENHO TRAZENDO PARA VOCÊS QUEM ANDA NO JAPERI JÁ ME CONHECE TEM PAÇOÇA TE
ALA TEM MENTOS TEM TRIDENT TEM DOCE OLHA A PELE SALGADINHA E CROCANTE APENAS UM REAL PELE PELE DESCUL
TRAPALHAR O SILÊNCIO DA SUA VIAGEM TEM AMENDOIM COM CASCA AMENDOIM SEM CASCA AMENDOIM QUE EU NEM S
NOME DOIS POR UM REAL É O PASSATEMPO DA SUA VIAGEM FREGUESA BEM BARATO E NA VALIDADE O QUE É O MA
IMPORTANTE O CAMINHÃO VIROU E O PREÇO CAIU MENTIRA VÊ SE EU TENHO CARA DE LADRÃO NÃO RESPONDE ESCOVA T

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial do projeto, de modo geral, era registrar e tornar visível o trabalho dos vendedores ambulantes dos trens do Rio de Janeiro. Ao longo do ano, me aprofundi nas relações entre ambulantes, passageiros e a Supervia e, por meio delas, busquei entender como esta prática informal se constrói e se mantém.

Um dos maiores desafios que encontrei foi o de traduzir minha pesquisa — o material que eu reuni — em projeto, articulando-a com os desejos e limitadores que o meu objeto de pesquisa me trazia. Eu identifiquei como um dos conteúdos mais poderosos as histórias advindas do cotidiano do trem, porém, eu não poderia expor meus interlocutores visto que trabalho do vendedor ambulante no trem ainda é considerado ilegal.

Ao fim do projeto, levei a Aqui trem para alguns vendedores que colaboraram me contando suas histórias. A recepção deles foi bastante gratificante e mostrou que eu ainda poderia explorar diversas possibilidades de desdobramentos.

Considerando o material bruto que eu tinha para a zine, optei por produzir uma publicação mais rebuscada, ficando no meio do caminho entre uma zine e uma revista. Desse modo, tenho como objetivo para o futuro viabilizar a reprodução dela em grande escala e distribuí-la no trem. Outro desdobramento possível é mudar o suporte dessas histórias, passando a usar uma plataforma na internet, assim, projeto poderia ser constantemente atualizado e modificado.

Foi bastante gratificante explorar a relação do design com outros campos das ciências sociais. A percepção do designer como mediador de questões locais, provocando questionamentos e atuando em conjunto com a comunidade foi um dos maiores ganhos deste projeto.

REFERÊNCIAS

- PIRES, Lenin. Esculhamba, mas não esculacha!. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- SARLO, Beatriz. Cidade vista: mercadorias e cultura urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MARQUEZ, Renata e CANÇADO, Wellington. Atlas ambulante. Belo Horizonte: Institutos cidades criativas, 2011.
- BEAUD, Stéphane. Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TELLES, Vera. A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.
- OLIVEIRA, Edson Luis. Algumas considerações sobre o conceito de setor informal e a teoria dos circuitos da economia urbana in: Geografias artigos científicos. Belo Horizonte, 2008.
- SHEA, A. Designing For Social Change: Strategies for Community-Based Graphic Design. New York: Princeton Architectural Press, 2012.
- SMITH, Esther K. How to make books: fold, cut and stitch your way to a one-of-a-kind book. New York: Potter Craft, 2007.
- WILLIAMSON, Caspar. Low Tech Print. London: Laurence King Publishing, 2013.
- SILVA, Anderson Moraes de Castro. Supervia: transportando preconceitos e incriminando os excluídos in: Periódicos UFPel. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pen-samentoplural/article/viewFile/3754/3042>
- WRIGHT, Fred. The History and Characteristics of Zines. Disponível em <http://www.zinebook.com/resource/wright1.html>

